

# O LUGAR DOS LUGARES

Luiz Simoes

Texto curatorial

(Em preparação)

Pepe Font de Mora - Fundación Foto Colectania, Barcelona

Eu tinha 15 anos. Estava com minha irmã e meu cunhado em um teatro no Rio para assistir um show e lembro-me que nas poltronas havia exemplares de cortesia de uma publicação chamada Revista Geográfica Universal, que mostrava na capa o rosto de um velho nômade Gujjar, com turbante branco e uma expressão plácida e misteriosa. "O vale da Caxemira". Eram as palavras em destaque.

Eu, que na minha infância, em passeios com meus pais, me havia fascinado pelo Parque Nacional do Itatiaia e me impressionado com a floresta, os rios, as grandes árvores ou os diminutos líquens, o cheiro de onça, os macacos, os pássaros, os insetos e toda aquela imensa diversidade de seres, comecei a folhear a revista e fui diretamente às páginas daquela matéria sobre a Caxemira, minha primeira literatura sobre o Himalaia. Estava totalmente submerso nos textos e imagens, quando as luzes do teatro pouco a pouco se apagaram e a música começou.

Minha viagem continuou, embalada pela música. Continuou e não parou nunca mais. Em plena adolescência, surgiu em mim uma grande paixão pela fotografia, e paralelamente forjou-se uma profunda atração pelo distante, o inacessível, o inóspito e vazio. Lembro-me de algumas vezes minha mãe perguntar-me que fazia eu, deitado no sofá, com a luz apagada e escutando aquelas músicas tristes... estou pensando, dizia.

Mais que pensando, eu estava sonhando. Sonhando com aqueles lugares tão fora de minha realidade adolescente, sonhando e cada vez mais atraído por aqueles nomes sobre os quais eu começava a ler. Karakorum, Khumbu, Ladakh... e não era o simples fato de que alguém considerasse o Amadablam a montanha mais bela da Terra ou o Everest a mais alta. Não se tratava sequer de que fosse um lugar ou outro em concreto. Era o silêncio que eu imaginava que ali existiria, o que mais me atraía. Tanto que mais tarde, quando conheci tais lugares, não me interessou retratá-los ou representá-los. Me interessavam os lugares onde estavam os lugares, as sensações que experimentava ao estar ali e o que estas experiências deixariam para sempre em minha vida.

Hoje tenho a sensação de haver estado em lugares que parecem já não existir. Mas, ao voltar ali, constato que sim, existem; porém nem o lugar nem eu somos os mesmos. Estive repetidas vezes em territórios remotos dos Andes, do Himalaia, do Saara... talvez movido por um simples sentimento de saudosismo, talvez tentando resgatar tais sensações que tanto me marcaram; não sei exatamente o que me levou e me leva repetidamente a alguns dos confins do planeta, como Zanzkar, o deserto de Taklamakan, o Hogar, o Tassili N'Ager... nomes que muitas pessoas talvez nunca tenham ouvido. Esta atração pelo isolado e o inóspito, comum em quase todas minhas viagens, me faz pensar que o que me leva até lá é o experimentar a sensação de ser irrelevante, desprezível e insignificante diante da imensidão da natureza.

Provavelmente, também por este aspecto tenha optado por viajar movido por meu próprio esforço físico. A pé ou em bicicleta. Pedalar em solitário os mais de mil quilômetros de deserto absoluto que separam o Hogar e o Tassili, no coração do Saara argelino, certamente não teria sido o mesmo que fazê-lo com amigos em um potente veículo 4x4, que me permitisse fazer em dois dias o trajeto que fiz em dezesseis, tendo que controlar não só minhas reservas de água e comida, mas, sobretudo minhas reservas morais.

Talvez me equivoque ao dizer que não sei o que me leva a estes lugares. O que não sei exatamente é porque me atrai. Porque sentir prazer em estar centenas de quilômetros distante de qualquer cidade, apreciando um céu crivado de estrelas, na extrema negritude e solidão de uma noite sem luar em pleno deserto, que lhe esmaga sobre a areia e lhe faz sentir-se um diminuto grão mais? Mas ninguém se pergunta porque tem prazer em comer, beber, fazer sexo, dormir ou qualquer outra atividade biológica. Simplesmente as consideramos normais e inquestionáveis.

O que sim me interessa pensar, e vejo esta exposição como uma reflexão sobre isto, é o quão relevante foi, haver visto e vivido o que pude. Dou-me conta, não sempre, de que a vida está repleta de referentes tão diversos, que às vezes nos custa vê-los. Muitas vezes os percebemos inconsciente e tardiamente, já fora do contexto em que exerceram influência sobre algo que fizemos ou pensamos, sem sentir claramente o quanto passaram a formar parte de nossa bagagem.

Faz alguns anos, ao ver em Madrid uma exposição do artista malhorquino Miquel Barceló, me impressionou uma pintura com tons claros, quase brancos, com relevos e texturas formadas por pinceladas que acumulavam capas de tinta, como o vento arrastando e acumulando a areia, no processo de formação das dunas. Sem pensar em como se formam as

dunas, nem na profunda relação de Barceló com o norte da África, meu subconsciente estabeleceu relações e rebobinei vinte anos em minha vida, relembrando uma tempestade de areia que me obrigou a parar por três dias em uma de minhas viagens ao Saara. Passei alguns minutos contemplando aquele quadro à distancia, antes de aproximar-me e conseguir ler seu título... “La travesía del desierto”.

Aquela percepção, baseada inconscientemente em algo que eu havia vivido, me faz pensar que tudo o que somos, tudo o que sentimos e elaboramos é resultado do que vivemos. Cada lugar viajado, cada pessoa, cada livro, cada música, cada sensação... nos enriquece com ferramentas de compreensão, que fazem com que cada um de nós seja um laboratório de experimentos únicos e irrepetíveis.

Com o desenvolvimento da capacidade intelectual, ao longo da evolução de nossa espécie, o ser humano formulou-se perguntas muito além de sua capacidade de respostas e tornou-se espontaneamente um ser inquieto; portanto, consideremos a inquietude como algo natural, que faz parte da lógica vital. Como ter sede.



**B P S** - Argélia 1988 / Espanha 2024. Bióxido de titânio, grafite, pigmentos de ferro e areia do Saara em meio acrílico sobre linho belga

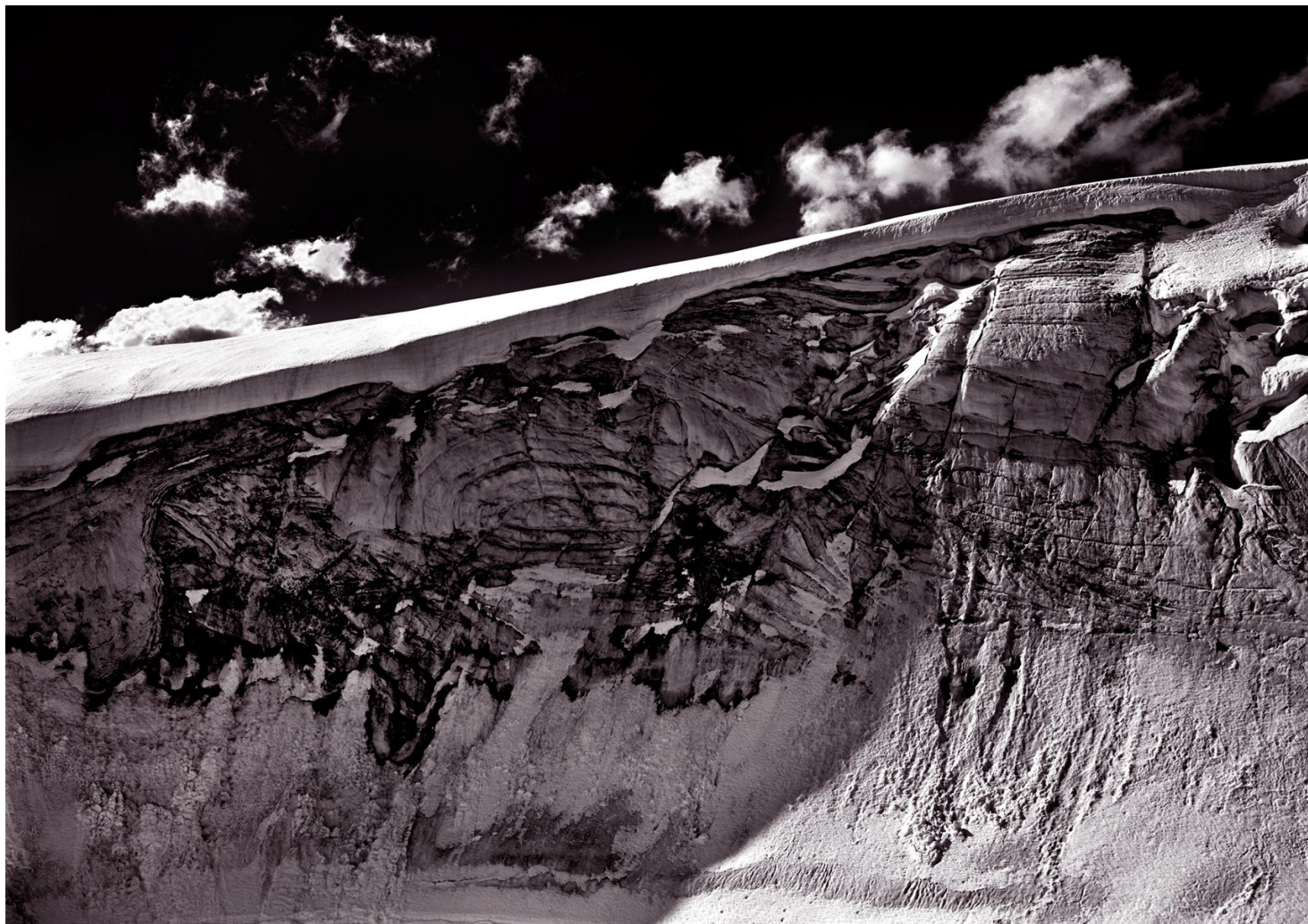
# Silent Escape

Não busco a paisagem descritiva. Aqui não encontrarás o Everest nem os famosos picos da Patagônia ou do Karakorum. Aqui encontrarás o silêncio. O silêncio que pode estar em qualquer lugar. Naquelas montanhas e desertos enquanto eu estava ali, ou o silêncio no qual as vezes nos submergimos estando rodeados de pessoas.

Em cada uma destas imagens, tão simples, tão frias e desoladas, não há mais que meu simples desejo de reflexão sobre o silêncio. O silêncio que pode fascinar ou assombrar. O silêncio do qual muitos desejam escapar, e no qual alguns se escapam.



**Kanderfin** - Suíça 1987. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Muttehorn**glatcher - Suíça, 1987. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Zanzkar** - Índia, 1989. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Pumo-Ri** - Nepal, 1989. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Karakorum** - Paquistão, 1989. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Aosta** - Itália, 1987. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Tsoh** - Nepal, 1989. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Itatiaia** - Brasil, 1991. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Condoriri** - Bolívia, 1990. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Tschinghorn** - Suíça, 1987. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Cho-La** - Nepal, 1989. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Pumo-Ri** - Nepal, 1993. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado



**Kerzas** - Argélia, 1988. Gelatina de prata sobre papel de algodão baritado

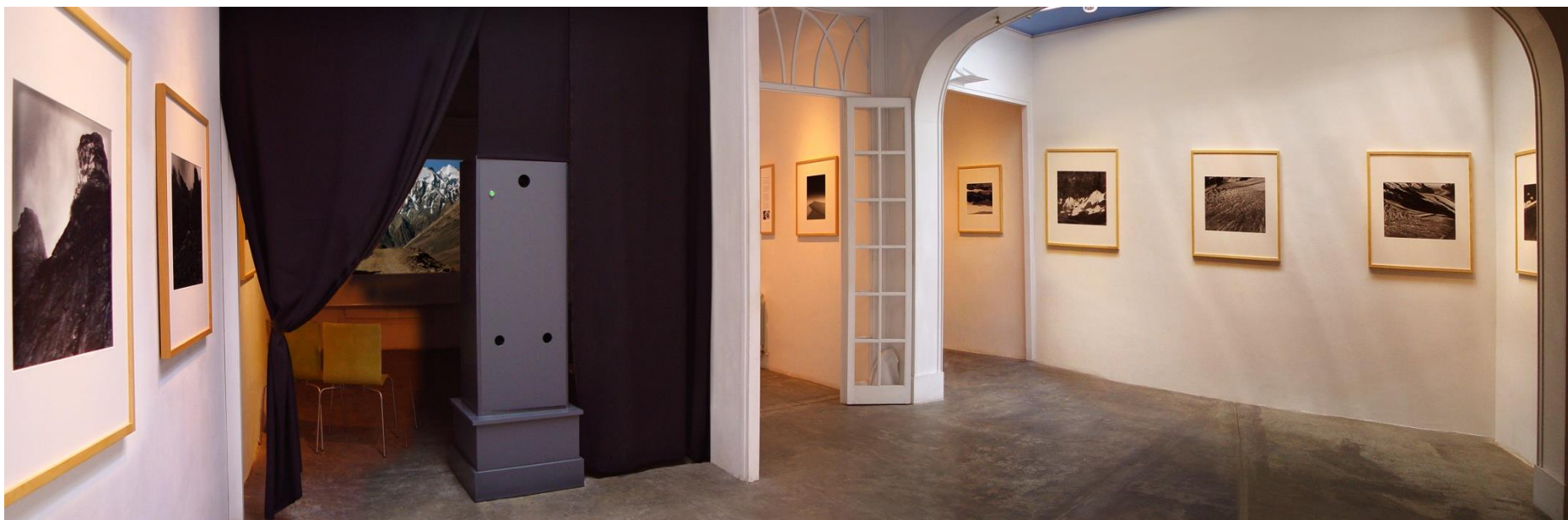
## Aspectos técnicos

As cópias estão feitas manualmente pelo autor em gelatina de prata sobre papel de algodão baritado com superfície semi-mate, utilizando as melhores técnicas de preservação.

As cópias estão viradas em selênio para o tom específico das imagens e preservação.

Cada imagem tem uma edição de cinco cópias. Adicionalmente pode haver duas provas de autor que não são consideradas parte da tiragem.

Todas as cópias estão assinadas e numeradas e lhes acompanha um certificado de autenticidade e garantia ilimitada.



Silent Escape. Galeria H<sub>2</sub>O - Barcelona, 2007



Seippel & Seippel Office Palma de Mallorca

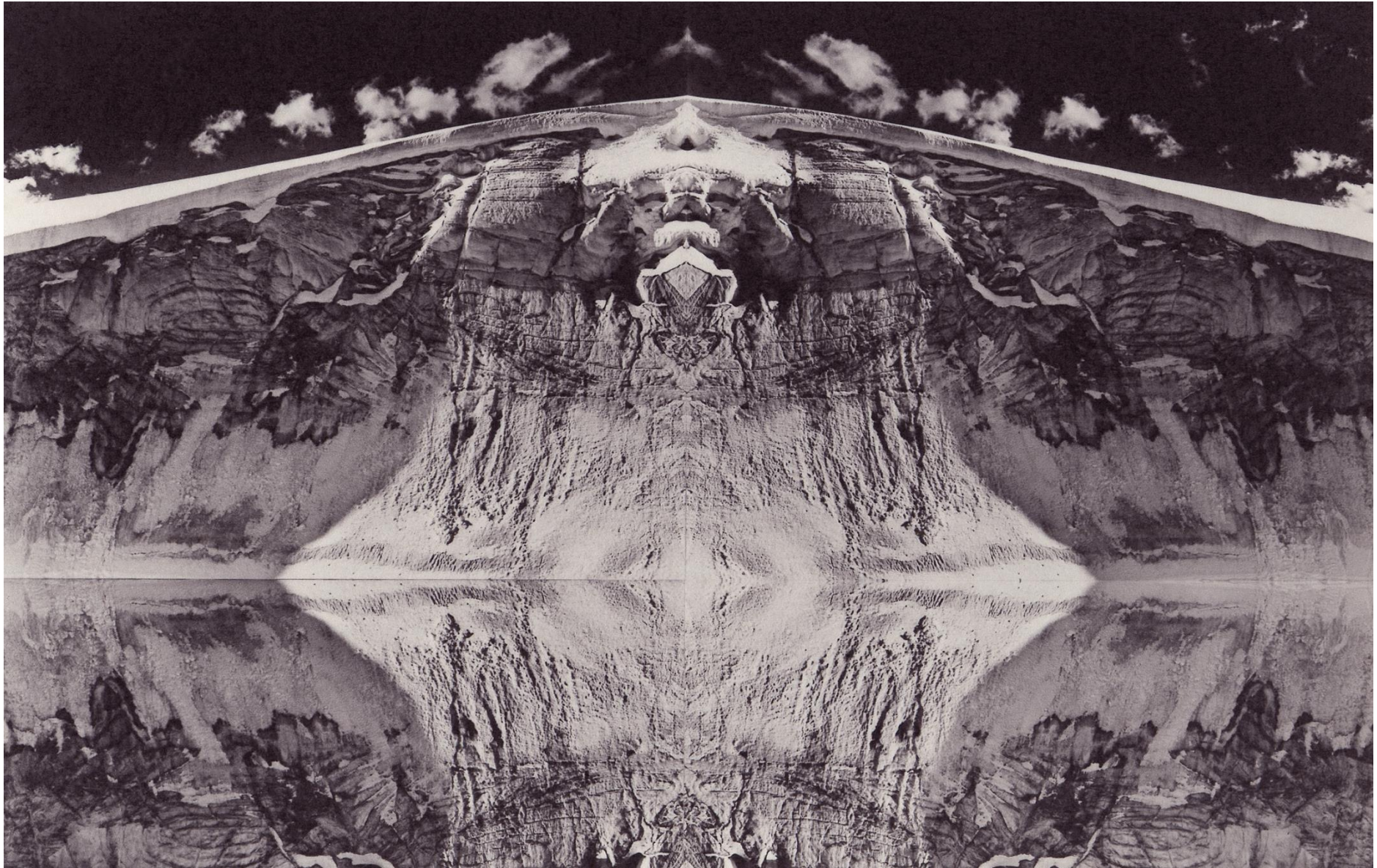
SymmetroS

Tudo o que vemos, tudo o que existe... de nós mesmos a um simples grão de areia na mais remota das galáxias... tudo está formado do mesmo.

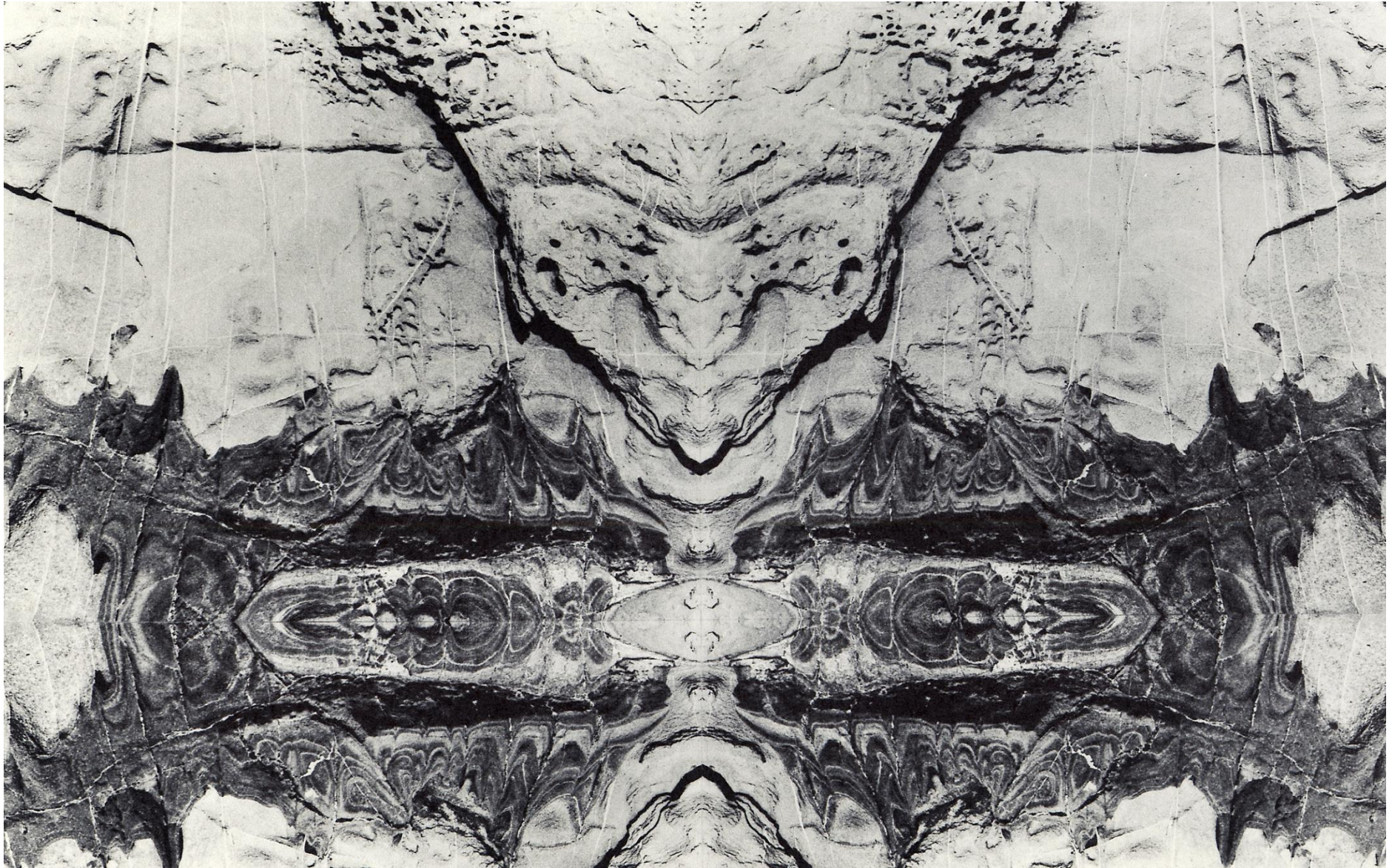
Em um espaço infinito de tempo, para nós, pouco mais de cem elementos químicos foram criando aleatoriamente, em infinitas combinações, tudo o que conhecemos, tudo o que ainda não conhecemos.

As formas orgânicas são, sem dúvida, as mais complexas entre estas inumeráveis criações. Vida, é o mais extraordinário que pôde chegar a criar este eterno movimento de peças tão ínfimas. "A-tomos", indivisível as chamamos quando intuímos por primeira vez sua existência.

SymmetroS, de mim para fora, é minha participação consciente nesta busca. Encontrar o orgânico, o vivo, o humano naquilo que o forma, naquilo que realmente somos, uma simples organização casual das mesmas peças que formam todo o que nos rodeia. De mim para dentro, é a constatação de que somos tão pouco, tão insignificantes e frágeis, apesar de ao mesmo tempo tão esplendorosos.



**Mutthorn** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 63,5 cm.



**Favaritx** - Gelatina de prata virada em ferro 100 x 62,6 cm.



**Darcha Sundo** - Gelatina de prata virada em sulfuro 100 x 69,4 cm.



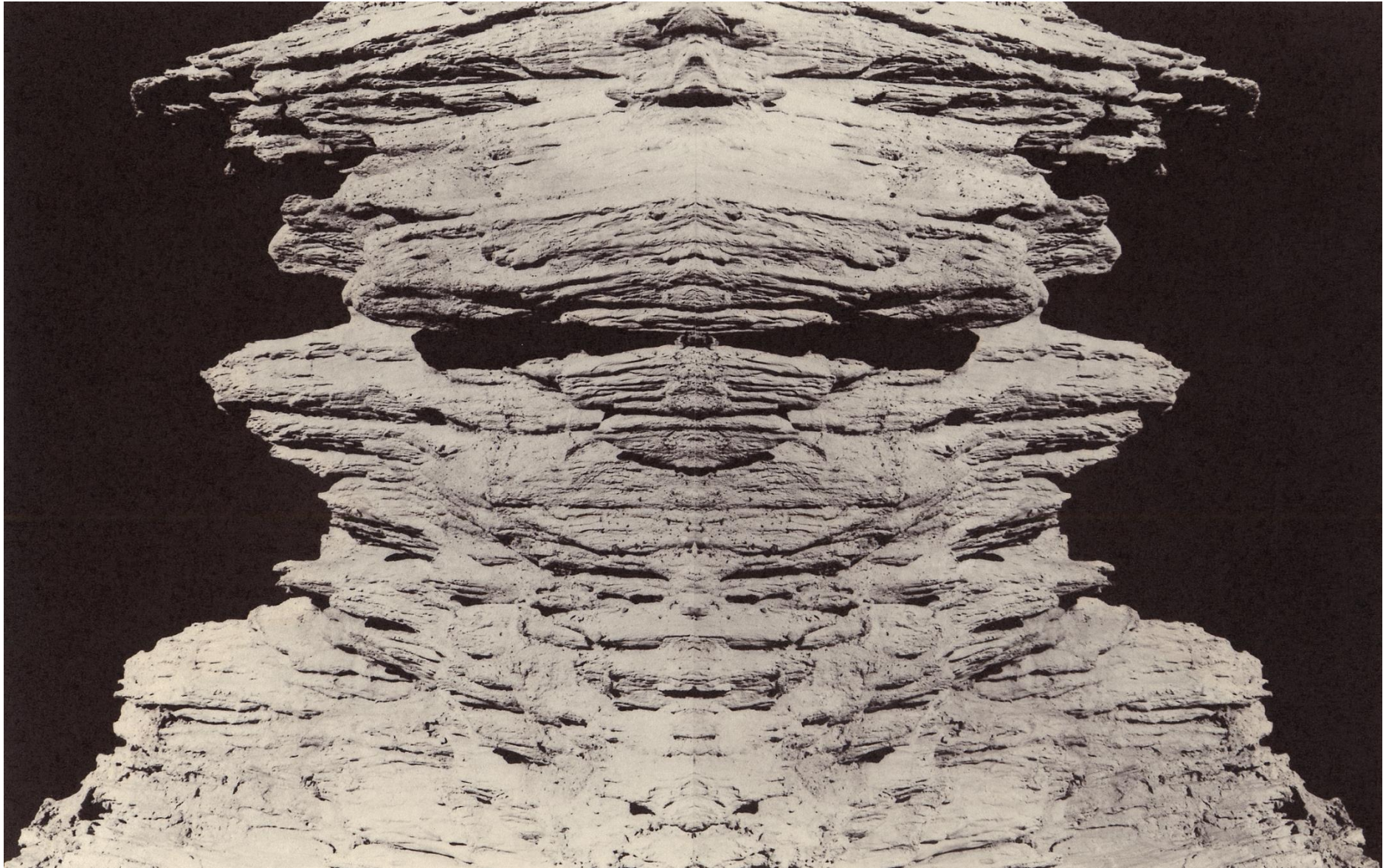
**Dolomitus** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 62,6 cm.



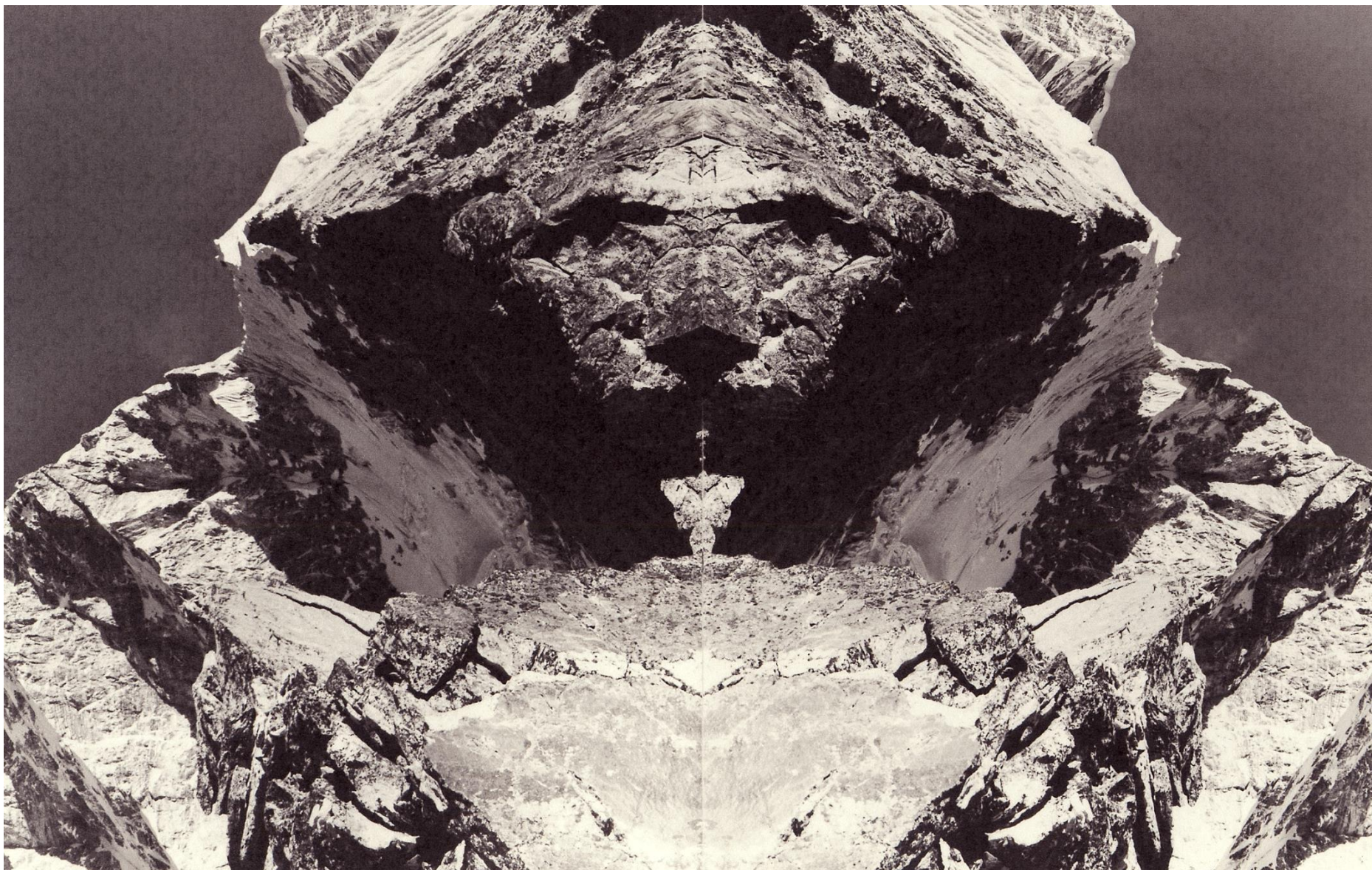
**Sho-la** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 75,7 cm.



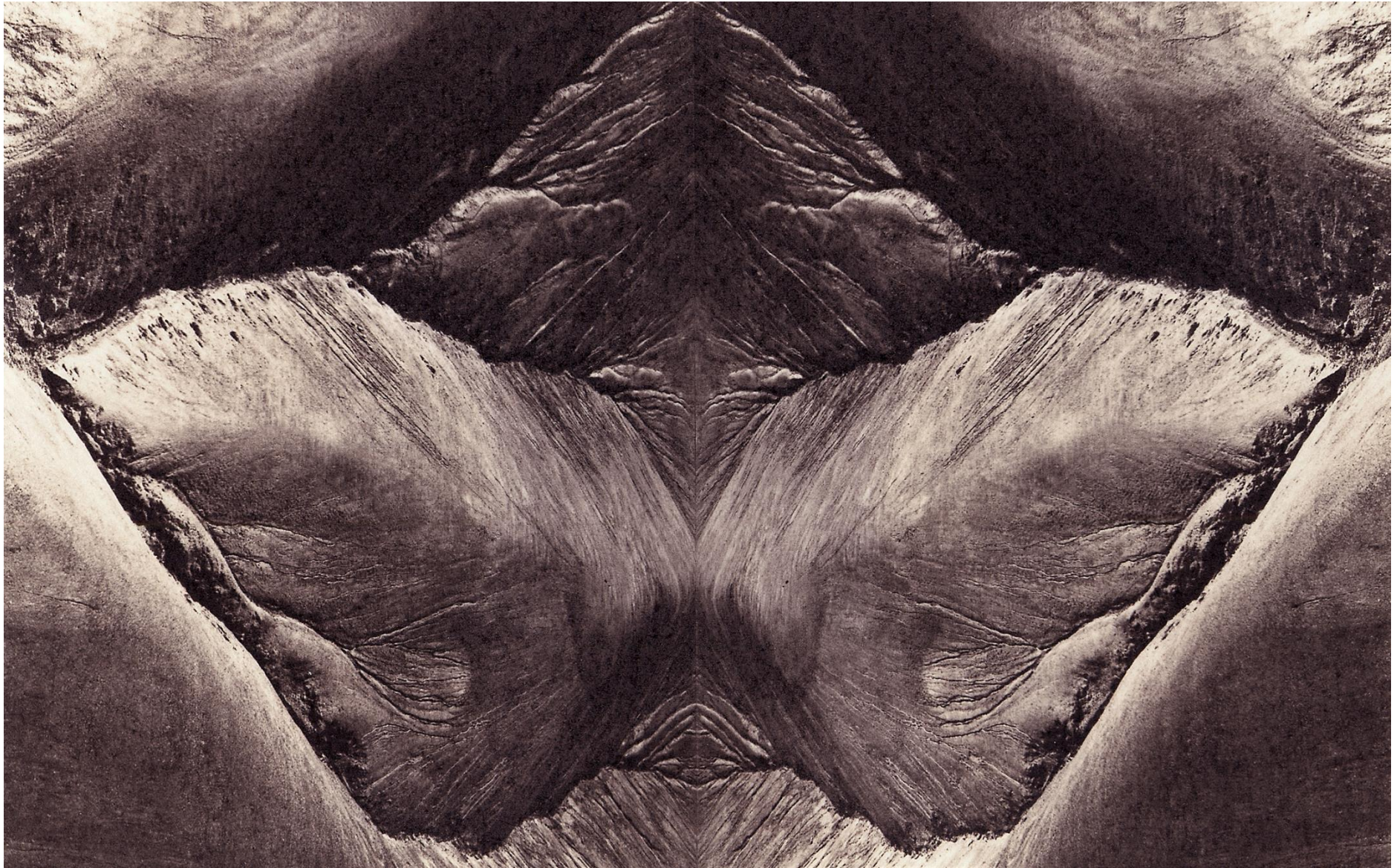
**Pang** - Gelatina de prata virada em cobre 100 x 65,5 cm.



**Arenitus** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 63 cm.



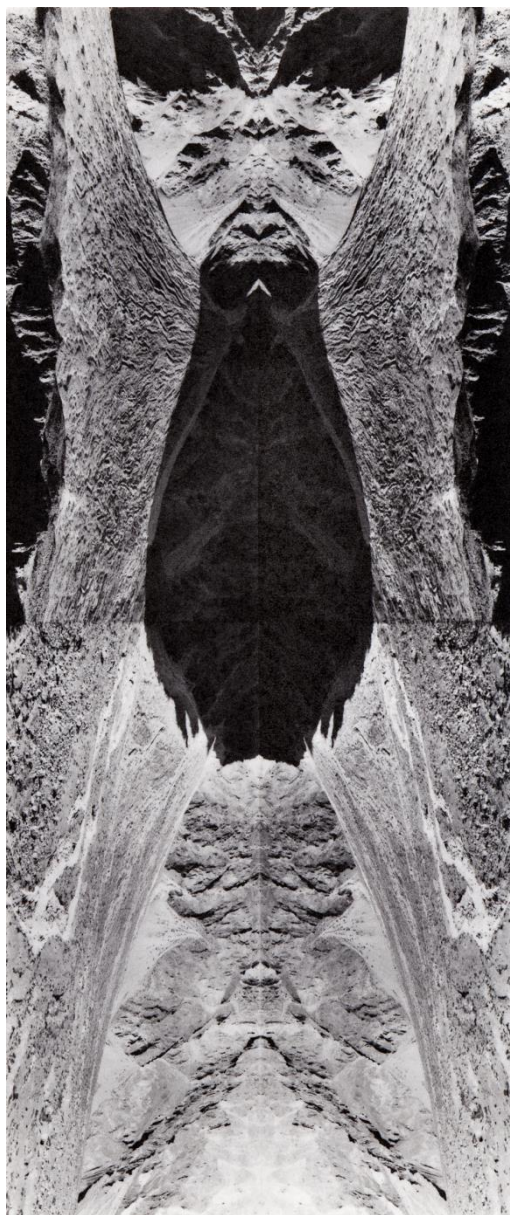
**Pumo-Ri** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 62,8 cm.



**Body Karbu** - Gelatina de prata virada em sulfuro 100 x 62,5 cm.



**Tsho** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 75,5 cm.



**Hunza** - Gelatina de prata virada em selênio 100 x 42,2 cm.



**Khumbu** - Gelatina de prata virada em sulfuro 100 x 77,4 cm.



**Kala Patar** - Gelatina de prata virada em sulfuro 100 x 77,4 cm.



SymmetroS - Fundação Brasileira, Suíça, 2006

## Aspectos técnicos

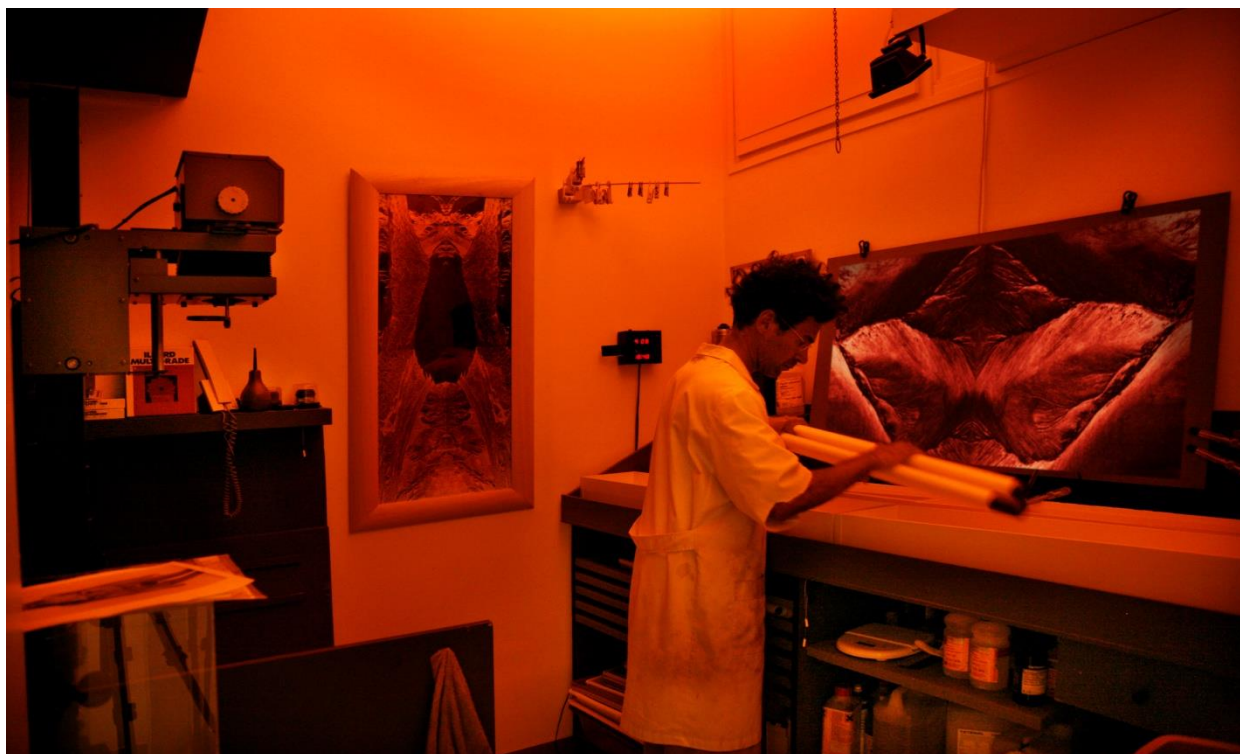
Cópias feitas pelo autor em gelatina de prata sobre papel de algodão com superfície mate de granulado fino.

As cópias estão viradas em, selênio, ouro, ferro, cobre e sulfuro para o tom específico de cada imagem e preservação.

Cada imagem tem uma edição de 13 cópias. Adicionalmente pode haver uma prova de autor não considerada parte da tiragem.

Todas as cópias estão assinadas e numeradas e lhes acompanha um certificado de autenticidade e garantia ilimitada.

Existe um livro artesanal da série completa em formato 24 x 29 cm com copias feitas pelo autor utilizando os mesmos procedimentos. A edição é limitada a 10 exemplares. Também há um catálogo de 40 páginas 21 x 21 cm, impresso em quatricromia sobre papel couché fosco com todas as imagens e textos em inglês, alemão e espanhol. Aproximadamente 25 exemplares assinados disponíveis.



# Frozen

Quando a fotografia perde uma de suas funções históricas, a de preservar o passado, e se torna ferramenta social para mostrar narcisisticamente o presente, *Frozen* propõe uma reflexão sobre o que sonhamos, o que perdemos e o que podemos preservar ou resgatar de nossos ideais e de nossas relações humanas.

No início dos anos 80, recebi da Kodak amostras de um novo filme. Minhas inquietudes técnicas me levaram a realizar vários testes, e os resultados foram uma resolução como eu nunca havia visto antes, porém com contraste exagerado. Depois de muitas experiências com reveladores ultracompensadores, eu não estava tão longe de alcançar a riqueza tonal que desejava, mas a Kodak lançou um revelador criado especificamente para uso pictórico com aquele filme e experimentá-lo pôs fim aos meus experimentos químicos. Tudo o que eu havia buscado sempre em nitidez e riqueza tonal estava lá, e aquele se tornou meu único filme. Este foi um momento chave em minha relação com a fotografia e me fez pensar no que eu deveria procurar nela, como meio de expressão, muito além da técnica e da ciência.

Quando a Kodak anunciou o fim da fabricação daquele filme, comprei todo o estoque de rolos e placas disponível nas lojas de Barcelona. Sabendo que a vinte graus negativos o envelhecimento das emulsões preto e branco se interrompe, deixei-os em meu freezer, como uma relíquia à espera de uma ocasião especial. Uma década havia se passado quando decidi, junto a meu grande amigo Manoel Morgado, viver o antigo sonho de um trekking invernal no Himalaia, caminhando por mais de dez dias sobre o leito do rio Zanzkar congelado, quando ele se torna a rota de inverno usada pelos Zanskaris. Era hora de descongelar filme, reaquecer o sonho e quase petrificar-nos a trinta graus abaixo de zero em um sombrio cânion no Himalaia. O filme estava intacto, o sonho estava intacto, a amizade estava intacta.

Mas, na realidade, a primeira vez que tirei minha relíquia do congelador, foi quando meu querido amigo Pepe Font de Mora e eu fizemos uma travessia em bicicleta por um deserto de sal na Tunísia. Decidi descongelar apenas um filme e fazer somente uma fotografia, mas a única fotografia dessa viagem discursou sobre o fracasso de um sonho. Não o nosso, mas o de outro... desconhecido, incógnito. Uma pequena mancha clara na enorme planície de sal e areia chamou nossa atenção. Nos desviamos alguns graus da linha reta, traçada à bússola, pela qual avançávamos, e estávamos já bem próximos quando percebemos do que se tratava. Um corpo humano em estado avançado de putrefação repousava eternamente em meio àquele imenso vazio. Ao seu redor não havia uma mochila, nem uma bolsa ou uma simples garrafa d'água... apenas um par de sapatos deixados poucos metros atrás, o último do que se havia despojado. Lembrei-me imediatamente de um rapaz que eu havia conhecido na Argélia, vinte anos atrás, em sua dura jornada desde a Nigéria, a caminho da Europa. O pouco que levava consigo eram as economias de sua família, investidas na esperança de que um filho tivesse uma vida mais digna.

Me invadiu um profundo sentimento de pesar e tristeza, ao pensar que, na ausência de notícias, alguém oscilaria entre a sensação de haver sido esquecido ou a de haver perdido um ente querido. Aquela única fotografia seria para mim uma homenagem, talvez a única despedida daquele ser anônimo, que, como nós, também carregava um saco de sonhos e desejos.

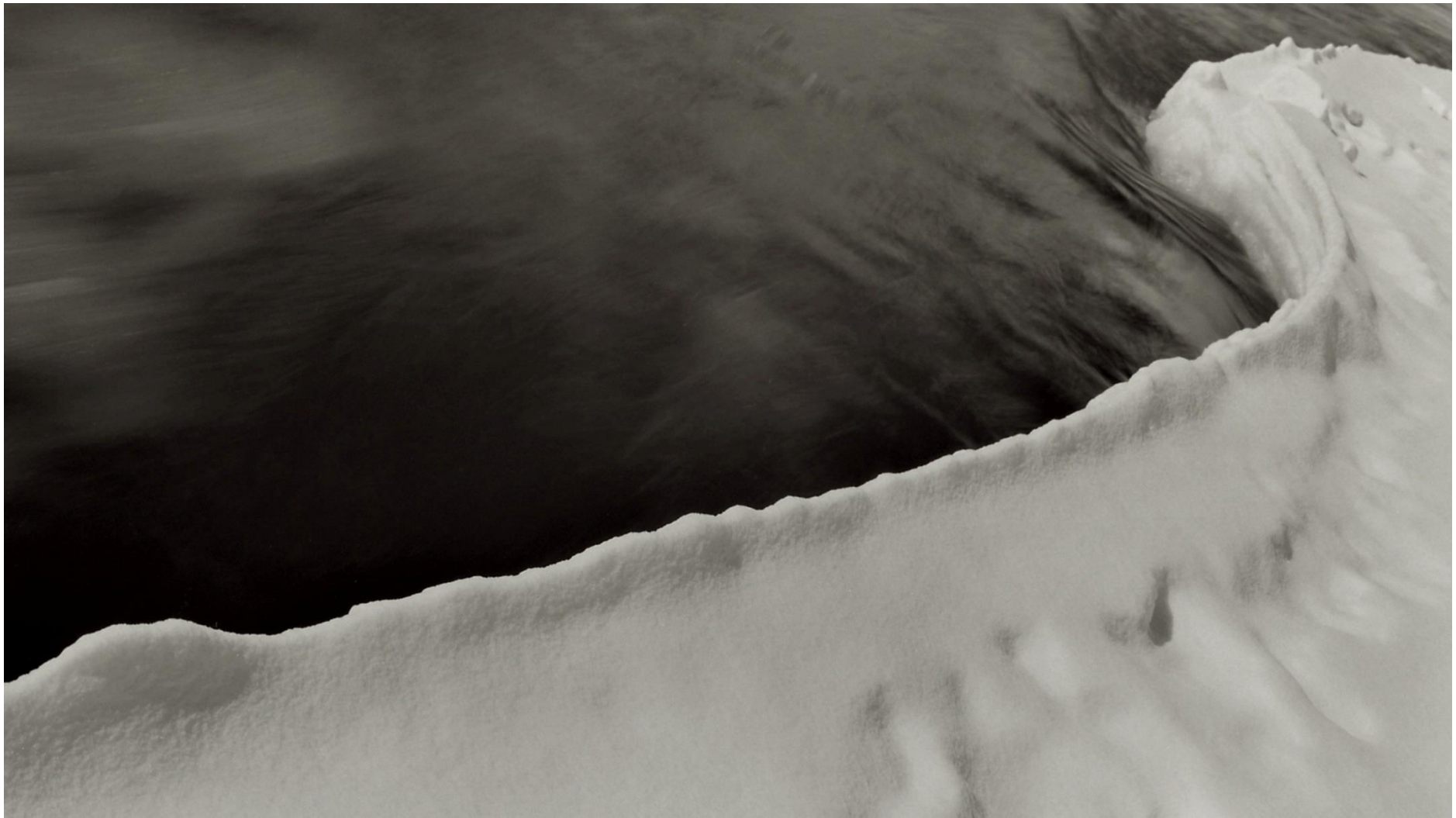
Que afortunados somos, ao ver que algumas coisas, até mesmo amizades ou sonhos, podem ser aprisionados no tempo e resgatados mais adiante. Mas que pequenos somos, sabendo que o viver não se congela. Talvez, por isso, alguns desejem tanto "congelar o momento," como se diz em fotografia. Eu nunca tive essa pretensão.



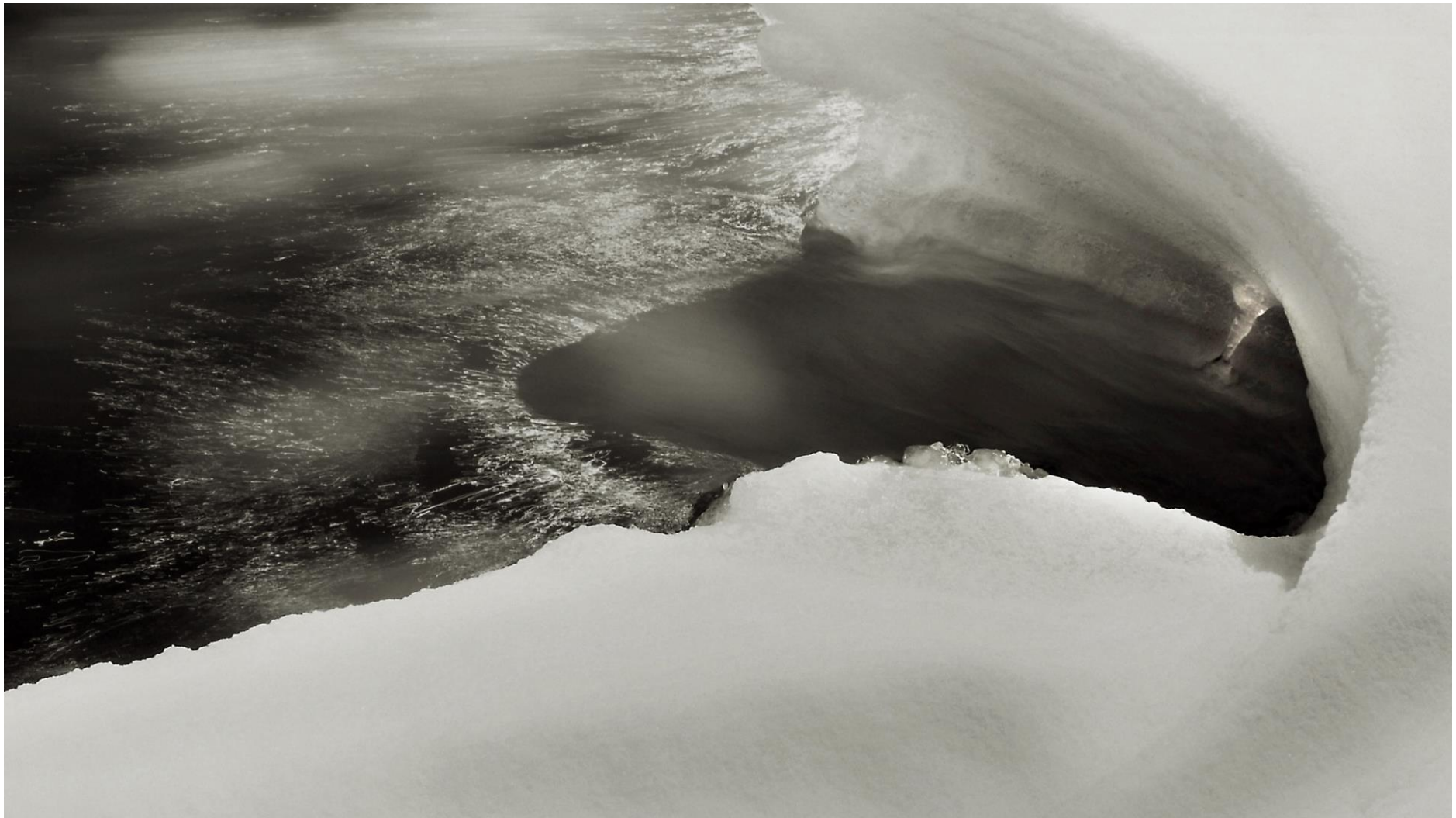
**Frozen nº 1** - Platinotipia sobre papel de algodão. 100 x 55 cm.



**Frozen nº 2** - Platinotipia sobre papel de algodão. 100 x 61 cm.



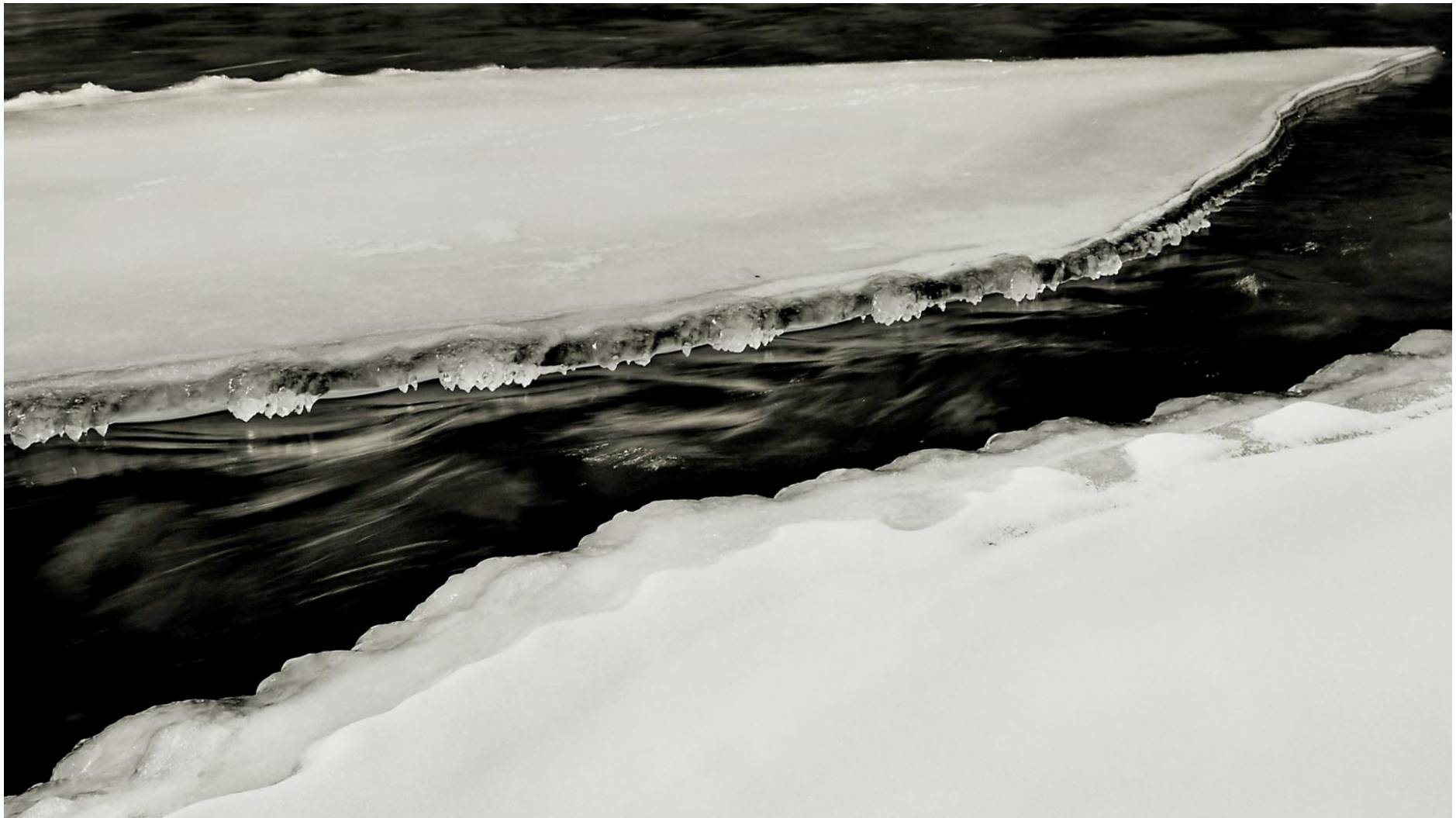
**Frozen nº 3** - Platinotipia sobre papel de algodão. 100 x 56 cm.



**Frozen nº 4** - Platinotipia sobre papel de algodão. 100 x 56 cm.



**Frozen nº 5** - Platinotipia sobre papel de algodão. 100 x 57 cm.



**Frozen nº 6** - Platinotipia sobre papel de algodão. 100 x 56 cm.



**Frozen nº 9** - Platinotipia sobre papel de algodão. 60 x 40 cm.



**Frozen n° 8** - Platinotipia sobre papel de algodão. 60 x 36 cm.



**Frozen nº 9** - Platinotipia sobre papel de algodão. 60 x 40 cm.



**Frozen n° 10** - Platinotipia sobre papel de algodão. 60 x 38 cm.



Vídeo projeção sobre tela de resina epóxi translúcida, similar a uma placa de gelo



**Emptiness** - Tunizia, 2008. Gelatina de prata sobre papel de algodão e areia do Saara em caixa de madeira e vidro.

## Aspectos técnicos

Frozen é um projeto ainda inédito e que se encontra em sua fase final de produção.

Todas as fotografias foram feitas com uma câmara 6 x 9 cm. construída pelo próprio autor utilizando peças de outras câmaras em desuso.

Os filmes utilizados já não se fabricam e estiveram congelados a vinte graus abaixo de zero por mais de uma década.

As cópias, em formatos de até 100 cm de largura, estão sendo feitas pelo autor em Platinotipia sobre papel de algodão.

Cada imagem terá uma edição de três cópias e adicionalmente pode haver duas provas de autor.

Todas as cópias estarão assinadas e numeradas e lhes acompanhará um certificado de autenticidade e garantia ilimitada.



## Luiz Simoes

Tenho muitas coisas em comum com Luiz Simoes e o admiro por muitas outras, mas o que mais me fascina em seu caráter e em sua obra é a capacidade de surpreender e provocar reflexão.

Luiz é obstinado com diversos temas em sua obra e os expressa por meio da fotografia, da escrita, pintura, música e pinceladas audiovisuais em obras nas quais a imagem se funde com o conceito. Sua determinação em compreender o mundo de forma holística, talvez devido à sua formação científica ou à haver viajado tanto, é evidente nas séries "Tempo" e "Óxido", nas quais sua reflexão sobre a oxidação como metáfora do início da vida nos conecta com nossa fragilidade e irreversibilidade. Essas obras oferecem uma abordagem narrativa, ao mesmo tempo em que buscam dar a cada peça uma interpretação individual.

Sua magnífica coleção Silent Escape, transmite silêncio e solidão de uma perspectiva sutil; nunca muito distante ou muito perto, no complexo exercício de equilíbrio entre técnica e expressão.

"Vertidos" e "Música para 18 coisas" são suas obras mais sinfônicas. Exigem encenação, incorporando happenings e instalações audiovisuais. Enquanto em trabalhos anteriores ele foi além do papel e da moldura, neste ele exige o espaço expositivo para refletir sobre a natureza do universo em que coexistimos. Convido vocês a vê-lo in loco, a se deixarem envolver e seduzir pela obra de um artista que nos convida sempre a refletir.

Pepe Font de Mora - Fundación Foto Colectania, Barcelona

Luiz Simoes reside e trabalha em Barcelona desde 1995, e atualmente também possui residência e ateliê no Rio de Janeiro, onde passa temporadas anualmente.

## Seleção de exposições e instalações

2024 ÓXIDO. Museo Internacional del Barroco, Puebla - México

2023 What are you doing the rest of your life? Galeria Ybakatu, Curitiba - Brasil

2023 Què faràs? Tormentophone e Cutrechordio. Instalação permanente na Pedreira Paulo Lemisnski - Cidade da Música, Curitiba - Brasil

2019 Música para 18 coisas, Réquiem para 2 Basuróphonos e Què faràs? Fundació Joan Miró Barcelona - Espanha

2015 PROST. Fundació Joan Miró, Barcelona - Espanha

2014 Artphilein Collection on display - Emptiness. Artphilein Foundation Lugano - Suíça

2012 PROST. Kunsthalle, Hale G Museumsquartier, Viena - Áustria

2011 Selected Works. Gassmann, Zurique - Suíça

2011 Música para 18 coisas e Réquiem para 2 Basuróphonos. Dia Internacional dos Museus. ARTIUM, Vitoria País Basco - Espanha

2010 Artista convidado, Viola-Me e Música para 18 coisas. Il Corpo Violato, Turín - Itália

2009 Artista convidado, Hot Art Basel 09, Basileia - Suíça

2009 Artista convidado, Las Cosas. 10ª Bienal de La Habana - Cuba

2009 VERTIDOS. Centro Cultural Puertas de Castilla, Murcia - Espanha

2008 VERTIDOS. Galería Blanca Berlín, Madrid - Espanha

2008 Arco 08, Mi propuesta. Colectiva Galería Joan Gaspar, Madrid - Espanha

2007 Silent Escape. Galería H2O, Barcelona - Espanha

2006 VERTIDOS. Brasilea Foundation, Basileia - Suíça

2006 SymmetroS. Brasilea Foundation, Basileia - Suíça

1998 Around the Himalayas. Museu da República, Rio de Janeiro - Brasil

1998 Around the Himalayas. Museu da Imagem e do Som, São Paulo - Brasil

1996 Voices. Instalação audiovisual em estações do metrô de Barcelona para o Ano Europeu contra o racismo - Espanha

1992 SymmetroS. Galeria Fotóptica, São Paulo - Brasil

1992 SymmetroS. Fundação CSN, Volta Redonda, Rio de Janeiro - Brasil

1991 13 Fotógrafos 13 fotos. Coletiva, Galeria 110, Rio de Janeiro - Brasil

1990 Landscape for a future Earth. Galeria Collectors, São Paulo - Brasil

1989 Abstract Landscape. Galería Railowsky, Valencia - Espanha

1988 Glaciares Alucinógenos. Galería Tartessos, Barcelona - Espanha



[www.luizsimoes.com](http://www.luizsimoes.com)

[luiz@luizsimoes.com](mailto:luiz@luizsimoes.com)

+34 619333724

+55 21 974555157

## Links relacionados

*Réquiem para 2 Basuróphonos* Live em Barcelona

[https://youtu.be/ent8V\\_OL78w](https://youtu.be/ent8V_OL78w)

Resume descritivo - *Música para 18 coisas*

<https://youtu.be/1aNTnmWIOwU>

*Música para 18 coisas*

<https://youtu.be/ekcHfnC0BH0>

Entrevista - Luiz Simoes

[https://youtu.be/pcic8KYm1GY?si=jsl0f8V\\_52onELDI](https://youtu.be/pcic8KYm1GY?si=jsl0f8V_52onELDI)

Entrevista - *Requiem para 2 Basuróphonos e Música para 18 coisas*

<https://youtu.be/a0CqmLM0v00>

*What are you doing the rest of your life?* - Galeria Ybakatu, Curitiba

[https://youtu.be/6j86Y1fJIZk?si=y0jrVbG\\_7ZxT0J1](https://youtu.be/6j86Y1fJIZk?si=y0jrVbG_7ZxT0J1)

*Prost* - Kusthale, Viena

<https://vimeo.com/40710570?fl=pl&fe=sh>

*Prost* - Fundación Miró, Barcelona

[https://youtu.be/cfG79BKw\\_Cw](https://youtu.be/cfG79BKw_Cw)

*Viola-Me* - Il corpo violato, Italia

<https://vimeo.com/21354283?fl=pl&fe=sh>

Bienal de La Habana

<https://vimeo.com/21354283?fl=pl&fe=sh>

website

[www.luizsimoes.com](http://www.luizsimoes.com)